Recebido em: 14/11/2013 Parecer emitido em: 21/12/2013 Artigo original

GODINHO, L.S.; PEREIRA, F.S.U.; PEREIRA, E.T. A extensão universitária como agente de reabilitação para portadores de necessidades especiais, **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v. 12, n. 4, p. 15-24, 2013.

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO AGENTE DE REABILITAÇÃO PARA PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS

Laidiston Sales Godinho[1], Fabrício Sales Ubaldo Pereira[2], Eveline Torres Pereira[1]

RESUMO

O presente estudo analisou as mudanças que ocorreram na vida de portadores de necessidades especiais, participantes do Projeto Interagir: Atividade Física Adaptada, e descreve a transmissão de conhecimento e as experiências que este trabalho proporciona. Foram feitas observações das aulas e de 42 indivíduos, onde os desenvolvimentos dos mesmos foram registrados em relatórios elaborados diariamente. Percebe-se que este projeto influencia positivamente na vida das pessoas envolvidas e os alunos, por exemplo, desenvolvem tanto no aspecto físico quanto no social. Os impactos do Interagir no cotidiano deste grupo ocorrem e são observados em diversas situações.

Palavras-chave: Atividade física adaptada. Qualidade de vida. Portador de necessidades especiais.

THE UNIVERSITY EXTENSION AS AGENT OF REHABILITATION FOR PEOPLE WITH SPECIAL NEEDS

ABSTRACT

This study examined the changes that occurred in the lives of people with special needs, participants in Project Interact: Adapted Physical Activity, and describes the transmission of knowledge and experience that this work provides. Observations were made of classes and 42 people, where the developments of these were recorded in daily reports. It is perceived that this project positively influences the lives of people involved, for example, the physical and social evolution. The impacts of project at this group occur in everyday life and they are seen in various situations.

Keywords: Adapted physical activity. Quality of life. People with special needs.

INTRODUÇÃO

A desigualdade de oportunidades presente na sociedade brasileira resulta em crescimento da exclusão de parcela da população. Os bens e serviços que deveriam, segundo a Constituição da República Federativa do Brasil (1988), serem oferecidos em igualdade de direitos para todos, acabam por se restringir a um grupo privilegiado deixando a mercê da sorte as classes historicamente excluídas dos processos sociais.

Claramente, de acordo com Carmo (1991), as pessoas enquanto deficientes são (independentes da classificação acadêmica), nas relações humanas e no modo de produção capitalista, discriminadas e marginalizadas. Cabe, porém, encontrar processos de organização buscando a transformação social, que se torna uma tarefa extremamente difícil, na medida em que se almeja um dimensionamento que ultrapasse limites, por exemplo, da aparência física e penetre no âmago da questão, isto é, no entendimento da deficiência à luz de uma visão histórico-cultural. A busca pela própria aceitação e inclusão social são alguns dos grandes desafios, já que quando considerados individualmente são, frequentemente, isolados do relacionamento em grupo, comunidades e atividades escolares; tudo isso sendo gerado diretamente pela falta de oportunidades oferecidas pela sociedade.

Segundo Carmo (1991), os problemas sociais que envolvem as pessoas portadoras de necessidades especiais acompanham os homens desde os tempos mais remotos da civilização. Ao longo da história do homem sobre a terra, as deficiências físicas e mentais sempre existiram e a rejeição às pessoas com algum tipo de deficiência vem sendo uma constante. Com o advento do Renascimento, a situação social das pessoas portadoras de deficiência conseguiu caminhar rumo à superação desta fase histórica do homem, significando um grande marco no campo dos direitos e deveres dessa população. A partir daí, estudos e experiências nessa área do conhecimento começaram a ser realizados com relativos êxitos, pois os deficientes já não eram vistos mais como seres inúteis ou imprestáveis e, muito pelo contrário, as tentativas de recuperação e aproveitamento das habilidades e capacidades dessas pessoas para o mercado de trabalho se tornaram uma tendência irreversível.

A Educação Física começou a se preocupar com a atividade física e o esporte para pessoas com necessidades especiais apenas, aproximadamente, no final dos anos de 1950, e o enfoque inicial para a prática dessas atividades foi o médico. Os programas eram denominados ginástica médica e tinham a finalidade de prevenir doenças, utilizando para tanto exercícios corretivos e de prevenção, ou seja, eram relacionados com a reabilitação (COSTA e SOUSA, 2004).

A grande variedade de pesquisas sobre o corpo em movimento mostra a relevância do tema e a necessidade de se entender a complexidade da ação motora. Estudos sobre o movimento de pessoas portadoras de deficiências motoras têm reunido equipes multidisciplinares na tentativa de compreender o funcionamento do Sistema Nervoso Central e os processos adaptativos criados por esses indivíduos para o movimento e interação com o ambiente, tendo como finalidade desenvolver procedimentos metodológicos que facilitem a aprendizagem e o controle motor na presença de distúrbios do movimento (BERTOLDI, 2004).

Para Rodrigues (2003), a Educação Física, como disciplina curricular, não pode ficar indiferente ou neutra em face do movimento de educação inclusiva. Fazendo parte do currículo oferecido pelas escolas e universidades, essa disciplina pode-se constituir como um adjuvante ou um obstáculo adicional a que o ambiente seja (ou se torne) mais inclusivo.

Nessa perspectiva, a política de inclusão proposta através da extensão universitária preconiza a implantação de programas e projetos sociais, através dos quais a comunidade se inclua em ações, sejam na área da saúde, da educação, da cultura ou do lazer. O Plano Nacional de Extensão Universitária (2001) estabelece diretrizes para a realização das atividades de extensão nas instituições de ensino superior. Ele prevê, entre outras medidas, a participação da universidade em movimentos sociais que visem à superação das atuais condições de desigualdade e exclusão presentes na sociedade brasileira. Além disso, encontra-se nesse documento o pressuposto de que tanto a pesquisa básica quanto a aplicada deve ser sistematicamente direcionada ao estudo dos grandes problemas sociais, podendo fazer uso de metodologias que propiciem a participação de populações na condição de sujeitos e não de meros espectadores. A produção do conhecimento faz-se na troca de saberes elaborados, acadêmico e popular, tendo como consequência a democratização do conhecimento, a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade e uma produção resultante do confronto com a realidade.

Engajada no processo de inclusão social, a Extensão Universitária é, na perspectiva do Plano Nacional de Extensão Universitária (2001), concebida como processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade. Nesse sentido, este trabalho justifica-se na necessidade de pensar acerca do que as universidades brasileiras têm realizado para promover a inclusão social dos portadores de necessidades especiais, via conhecimento produzido na academia e na observação das mudanças que o Projeto Interagir: Atividade

Física Adaptada oferece na vida dos indivíduos envolvidos com ele, efetuando-se um relato detalhado das intervenções e seus resultados, levadas a efeito em cada núcleo de atendimento.

Os pressupostos que norteiam a proposta de intervenção do referido projeto pautam-se na busca de uma transformação do que antes era tratado como assistencialismo e auxílio voluntário em algo embasado no ensino empírico das práticas anteriores, através dos projetos de natação para paralisados cerebrais e portadores de Síndrome de Down, e referenciais teóricos recentes de outros projetos semelhantes, e que isso se reflita em resultados ainda mais expressivos onde acima de tudo haja a produção e a troca de conhecimentos acadêmico e comunitário.

Os objetivos principais de tal projeto são: aguçar o interesse de toda a comunidade viçosense pelo esporte adaptado; observar o desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor dos alunos juntamente com a equipe multidisciplinar da APAE e a coordenação da APONE; preencher a lacuna existente no esporte para portadores de necessidades especiais de Viçosa e região proporcionando-os a experiência e a vivência dentro da atividade física adaptada; promover e estimular a realização de estudos e pesquisas referentes à população atendida buscando um avanço científico e uma melhor formação para o estudante de Educação Física.

O conhecimento em relação aos portadores de necessidades especiais é bastante restrito e pouco difundido na área da saúde, sendo visível que poucas produções acadêmicas vêm sendo geradas e isso torna escassa a fonte de referenciais teóricos, consequentemente, dificultando o ensino e a formação de profissionais para atendimento à esse público. No entanto, Carmo (2002) enfatiza que o trabalho que a área da Educação Física vem desenvolvendo com esse público, nas duas últimas décadas, possibilitou a abertura de novos campos de serviços e pesquisas. Nessa linha de raciocínio, o mesmo autor conclui que os profissionais envolvidos com a Educação Física adaptada necessitam produzir conhecimentos que tragam consequências e contribuam para modificar o atual contexto social. Isso não tem ocorrido porque a grande maioria dos profissionais da área não tem tido a preocupação e nem percebe que a concepção de homem presente em seus discursos e práticas é contraditória. Falam e lutam por um homem e uma sociedade onde todos sejam iguais, porém trabalham com um homem concreto e diferente, utilizando como instrumental os conhecimentos gerados historicamente para atender características e valores deste primeiro tipo de homem.

Analisando a forma como a Educação Física voltada para os indivíduos portadores de necessidades especiais vem sendo conduzida ao longo do tempo, Carmo (2002) coloca que as diferentes atividades realizadas têm sido desenvolvidas em espaços e tempos diferentes, talvez porque o conhecimento veiculado por essa área, historicamente, foi edificado visando atender concepções unas de saúde, de homem e de corpo. Isso leva às adaptações e improvisações dos conhecimentos existentes e não à geração de novos conhecimentos e atividades motoras direcionadas aos alunos com necessidades especiais. Continuando a sua análise, ele argumenta que tal concepção tem profundas implicações sociopolíticas e econômicas, principalmente quando a adaptação é situada como sinônimo de equalização. Para que os conhecimentos produzidos e disseminados nos esportes possam prevalecer é necessário a adaptação, portanto, advogar a adaptação, significa defender a hegemonia de um corpo de conhecimento sobre outro, mesmo que este outro ainda nem tenha esboçado nascer.

No entanto, é importante enfatizarmos que o esporte, assim como o lazer, é visto como elemento de integração, de aglutinação de pessoas e formação de grupos. No caso específico dos portadores de necessidades especiais, muito poucas são as opções de lazer devido à precariedade da condição material e o completo despreparo tanto teórico quanto prático no campo da cultura esportiva. Diante desse quadro, o profissional de Educação Física pode oportunizar a esta população a ampliação de seu acervo motor e de seu universo de relações através da prática de atividades esportivas de caráter lúdico, auxiliando-os a tornarem ativos no seu próprio processo de inclusão social e não mais dependentes; mas não cabe somente a estes dois atores a execução de tal processo, sendo responsabilidade também de toda a sociedade e do Estado a integração de esforços para que estes objetivos sejam alcançados (CARMO, 1991).

Partindo dessa reflexão inicial é que foi gestado, no Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa, o Projeto Interagir: Atividade Física Adaptada que abrange grupos de atividades físicas ajustadas e interligadas, justificados e direcionados aos alunos com necessidades especiais da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE-Viçosa) e da Associação de Portadores de Necessidades Especiais (APONE), baseados no esporte e seus benefícios. Com a instalação do projeto, surge um espaço para o ensino e a pesquisa referentes a este grupo e isso resulta em condições propícias para a produção de conhecimento teórico e prático sobre essa área que ainda se encontra "marginalizada" em nosso país.

MATERIAIS E MÉTODOS

O planejamento das atividades foi feito através de exercícios selecionados a partir de referências bibliográficas e reuniões da coordenação com os estagiários que, na falta de um referencial teórico, também se utilizaram de muita criatividade na sua elaboração. Essas atividades visam estimular as capacidades individuais e melhorar a qualidade de vida dos alunos através de um espaço de lazer qualificado, sobretudo no campo social, vindo ampliar a participação desse público na vida da comunidade. Concomitante a esse processo, foi realizada a observação participante que, na perspectiva de Triviños (1987), é uma categoria típica de pesquisa qualitativa.

A amostra foi composta por 42 indivíduos, que foram observados de maneira participativa com cunho qualitativo, tendo como técnica de coleta das informações o diagnóstico rápido, a observação participante e o diálogo junto aos pais, responsáveis e monitores envolvidos. Foram analisados os registros elaborados pelos estagiários, realizados após cada aula ministrada, durante um ano de atividades e nos diferentes núcleos de atendimento. Esses registros assumiram a conotação de um diário de campo, que é considerado como um instrumento ao qual se recorre em qualquer momento da rotina de trabalho que se realiza e onde há contato com as percepções, angústias, questionamentos e informações relativas a cada pessoa atendida, sendo feita uma análise descritiva apresentada como um relato detalhado das intervenções e seus resultados, levadas a efeito em cada núcleo de atendimento do Projeto Interagir.

O estudo cumpriu os princípios contidos na Associação Médica Mundial (1964) e expressa concordância com os padrões éticos e com o devido consentimento livre e esclarecido dos participantes, de acordo com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que trata do Código de Ética para Pesquisa em Seres Humanos.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A prática regular de atividades físicas para pessoas com algum tipo de deficiência tem sido reconhecida como poderoso instrumento de promoção de qualidade de vida. Trata-se, por isso, de uma nova área de mercado, ocupando um espaço cada vez mais importante quer nos campos profissionais que dela emergem, quer pela função humanizante que promove (INTERDONATO E GREGUOL, 2011).

A atividade física desenvolve o processo de socialização dos alunos, o que interfere em seus comportamentos. Eles se tornam menos agressivos e isolados, buscando sempre colaborar com os outros. A capacidade do portador de necessidade especial para estabelecer relações com os outros e para ser bem-sucedido numa carreira depende de ele ter sido suficientemente preparado para isso durante a sua formação em todos os aspectos (CARMO,1991).

As oportunidades para o movimento e a exploração do ambiente favorecem a aprendizagem e o desenvolvimento motores. Estudos feitos em diferentes culturas mostraram que, em alguns lugares, os pais cuidam de seus filhos como se eles fossem muito frágeis e os protegem de grandes estimulações. Em outros, desde os primeiros meses de vida, estratégias são usadas para que a criança seja estimulada a sentar, rastejar ou andar. O resultado da variedade de práticas oferecidas foi que as crianças que receberam oportunidades para experimentação de seus movimentos, sentaram, rastejaram e andaram mais cedo que as crianças cujas oportunidades não foram oferecidas (ADOLPH e BERGER, 2006).

As observações sistematizadas e os relatórios individuais elaborados nesta pesquisa, demonstraram melhoras no comportamento dos alunos dentro e fora das aulas do projeto, bem como na assimilação das atividades propostas em situações-problemas. Alguns alunos atingem resultados melhores do que os outros por serem mais frequentes, pelo grau de suas deficiências ou, até mesmo, pelo apoio da família. Em seguida, serão explicados os resultados obtidos em cada núcleo de atendimento do Projeto Interagir.

Natação para portadores de Síndrome de Down

No início, a maioria dos alunos (crianças e adolescentes) teve o seu primeiro contato com as atividades aquáticas e, em virtude disso, foi necessária uma maior preocupação com a adaptação e a ambientação do grupo com o meio aquático. As primeiras atividades executadas foram brincadeiras que estimulavam-nos a percorrerem todos os pontos da piscina, tanto nas bordas quanto no meio dela. Foram utilizados diversos materiais propícios para a natação (desde pranchas, espaguetes e halteres, a brinquedos de borracha, bolinhas de isopor e balões) e jogos ou brincadeiras lúdicos como: pique-pega, telefone sem fio, gincanas envolvendo vários tipos de corridas e outros. Através disso, um melhor relacionamento

começou a ser conquistado entre aluno/aluno e aluno/professor. O desenvolvimento psicomotor foi outra preocupação e atividades que envolvessem o equilíbrio, a coordenação de movimentos, a sensibilidade, o ritmo, a expressão corporal, a orientação espacial, além dos hábitos posturais, foram priorizadas para um melhor desenvolvimento. Respeitando as individualidades, o grupo foi dividido e atingiram-se os seguintes resultados:

Alunos 1, 2, 3, 4 e 5

Características comuns, como o sobrepeso, a faixa etária e o grande entusiasmo para entrar na piscina, mas estando dentro dela, o medo, a agitação e a insegurança eram perceptíveis. No início, a dependência era notável e dificultou a ambientação ao meio aquático. Após o período de adaptação, evoluíram para apneia, imersões, pernadas, braçadas, entre outros (atividades realizadas com auxílio do professor ou de materiais).

Aluno 6

Grande agitação, distúrbios de comportamento, alternando horas agressivas com carinhosas e repetições de atitudes. Como já estava adaptado ao meio líquido, a fase de ambientação não precisou ser realizada especificamente. As fases que trabalharam a apneia e a respiração seguiram o modelo dos outros alunos, com as atividades relacionadas sendo utilizadas mais como aprimoramento do que como aprendizado. Assim, partiu-se para o trabalho de flutuação e propulsão, começando a incluir exercícios de técnica dos nados, principalmente do nado crawl. Nesse momento, o aluno atravessa a piscina de 12 metros nadando crawl, porém necessita de uma maior apuração quanto à respiração lateral e à sincronização dos membros.

Alunos 7 e 8

Não apresentavam medo de entrar na piscina, por isso, a adaptação e a ambientação foram facilitadas. No decorrer das aulas, vários obstáculos foram encontrados, como problemas familiares, e que interferiram nos seus desenvolvimentos. Viu-se necessário um retrocesso nos planos de aula para que todas as etapas fossem bem assimiladas, sendo utilizados exercícios que trabalhavam o lúdico, tornando as aulas mais prazerosas.

Aluno 9

Sabe-se que, através de relatos da mãe, participou de aulas de hidroterapia durante algum tempo. No primeiro contato aluno/professor, apresentou certa resistência em se afastar da mãe, chorou muito e ficou agitada, mas com o passar do tempo pôde-se realizar a ambientação ao meio aquático, fase pela qual ainda evolui.

Alunos 10 e 11

Grande dificuldade de adaptação devido à uma intensa agitação. Tinham dificuldades em perceberem o comando do professor, gritando, sendo teimosos e até arredios. Seus desenvolvimentos foram comprometidos pelo pouco tempo de permanência no projeto e serem pouco assíduos.

Natação para portadores de Paralisia Cerebral

Devido aos diferentes quadros clínicos, as atividades foram adaptadas de acordo com as capacidades e possibilidades dos indivíduos (crianças e adolescentes), visando a melhoria do desenvolvimento e não simplesmente a técnica correta dos nados. A contribuição desta prática dá-se em melhoras observadas na estabilidade emocional (diminuição da ansiedade e aumento da confiança no professor), no desenvolvimento de habilidades motoras básicas (pernadas, braçadas, manipulação de objetos, caminhar ou saltar pela piscina), na consciência corporal (conhecimento e percepção do próprio corpo no meio líquido), nas relações sociais (trabalho em grupo, noções de regras e comunicação) e na assimilação de atividades. Os alunos demonstraram uma melhora rápida nas primeiras fases, tendo mais dificuldade na flutuação e na propulsão, advindo do grau de comprometimento físico, do medo ou pela assiduidade às aulas. O trabalho com indivíduos espásticos, especificamente, resulta na melhora do equilíbrio do corpo no meio líquido observado no ato de caminhar pela piscina ou sobre uma plataforma, assim como sua independência (execução de exercícios sem auxílio do professor) e a respiração (a imersão não é executada em apneia e

ocorre a expiração pela boca ou pelo nariz). Contudo, os resultados são muito específicos e apresentados um por vez:

Aluno 12

Possui comprometimento dos membros e é espástico. Há 2 meses participa das atividades dentro da piscina, desobediente, nervoso, querendo tirar a touca a todo momento, talvez por ainda não confiar nos professores. Com uma proposta de atividades direcionadas, baseando-se na sequência pedagógica do ensino da natação, passou pela fase de ambientação e, nas fases de respiração e de imersão, realiza mergulhos em apneia. Fica sozinho apoiado num espaguete, executa pernadas de crawl e costas com ajuda do professor, além de caminhar por uma plataforma com um leve apoio ou segurando numa barra. Melhorou bastante o equilíbrio manifestando os primeiros passos para andar fora da piscina, manipula objetos com mais facilidade e consegue colar figuras na parede com as duas mãos alternadamente, tem aumentado o tempo de mergulho, faz flutuação com apoio do professor. Há um desenvolvimento social considerável quanto à execução de atividades em grupo e no relacionamento com os professores. Ainda sente dificuldade para se expressar e executar a respiração, mas demonstra boa assimilação dos exercícios.

Aluno 13

Há um mês no projeto, possui grau de deficiência severo com um alto comprometimento dos membros e um tônus muscular elevado. Na fase de ambientação ao meio líquido, passeia pela piscina com apoio do professor, fica próximo ao jato d'água e tem seu rosto molhado. Demonstra uma melhora no relacionamento com os professores adquirindo uma certa confiança, é obediente e comunicativo apesar de ter limitações em sua fala. Há uma ênfase em exercícios de alongamentos de membros superiores e inferiores, onde nota-se um desenvolvimento no relaxamento muscular e um leve aumento da amplitude de movimento.

Aluno 14

Grau de deficiência leve com pouco comprometimento dos membros, o que ajuda na assimilação e na execução de atividades propostas, além de uma melhor coordenação motora. Seu desenvolvimento deu-se através de uma proposta de atividades que segue o ensino da natação sem adaptações, respeitando as suas capacidades individuais, executando exercícios relacionados à ambientação ao meio líquido, respiração, imersão, flutuação e propulsão. Na fase de propulsão, aprimora os nados crawl e peito. Entra na piscina executando um salto e sai sozinho pela escada. O aluno é muito comunicativo, meio preguiçoso, desobediente e falta muito às aulas, retardando o seu desenvolvimento.

Aluno 15

Grau de deficiência moderado e comprometimento dos membros. Passou pelas fases de ambientação e respiração, encontrando-se numa fase em que estão sendo enfatizados exercícios de alongamentos, imersão e flutuação. Tem muita dificuldade em movimentar os membros, já que possui um encurtamento dos tendões, mas nota-se uma melhora na coordenação e no andar. Consegue manipular objetos e cola figuras na parede da piscina com as duas mãos alternadamente. Gosta de brincar em grupo e conversa bastante, ficando disperso em algumas atividades. Falta muito às aulas devido à algumas cirurgias do tratamento, influenciando consideravelmente em seu desenvolvimento. Ainda não consegue entrar nem sair sozinho da piscina pela escada.

Aluno 16

Grau de deficiência leve com comprometimento dos membros do lado direito. Suas atividades seguem a progressão do ensino da natação enfatizando movimentos com os membros do lado mais comprometido. Passou pelas fases de ambientação e de respiração, onde caminhava pela piscina, molhava o rosto fazendo a "chuva", manipulava objetos, brincava com bola, soprava bolinhas de isopor e mergulhava soltando o ar para fazer borbulhas ou para passar em baixo de um espaguete. Nas fases de imersão e de flutuação, realiza mergulhos para pegar objetos que estão no fundo da piscina ou para adivinhar o que o professor tem nas mãos, pernadas de crawl e de costas com apoio no espaguete, braçada de peito com ou sem halteres e flutuação com auxílio. Tem muita dificuldade em flutuar por não conseguir elevar o quadril e as pernas, além de um certo temor em afundar. O equilíbrio melhorou bastante, inclusive na marcha, assim como a sua comunicação (no início tinha muita dificuldade em se expressar). É obediente e assíduo às aulas, colaborando consideravelmente em seu desenvolvimento.

Aluno 17

Portador de paralisia cerebral com característica de ser tetraplégico e espástico. Realiza movimentos de alongamento sozinho, tendo apoio do professor nas costas, o que ocorre também quando caminha pela piscina. No trabalho de força para os membros superiores, desloca segurando na borda da piscina ou um halter, apresentando grande cansaço por possuir pouca resistência muscular localizada. Nos exercícios de respiração, sente dificuldade em soltar o ar pela boca e em imersão pega objetos no fundo com ajuda do professor ou da escada da piscina. Com relação à flutuação, precisa de auxílio do espaguete ou do professor, porém quando está bem relaxado consegue ficar sozinho por algum tempo. Seus movimentos de pernada e braçada não possuem a técnica correta, porém proporciona um deslocamento na água, para frente ou para o lado. Relaciona-se bem com as outras pessoas porque é bastante alegre e comunicativo.

Alunos 18 e 19

Possuem grau de paralisia cerebral leve, não tendo grande comprometimento de seus membros e nem de comunicação. É utilizada a metodologia do ensino da natação, apenas com algumas modificações, para adequá-las às capacidades individuais. Realizam os alongamentos de membros inferiores e superiores sem qualquer auxílio, movimentos de respiração (frontal e lateral), além de deslizamentos e imersão, todos semelhantes à técnica convencional. Contudo, nos exercícios que exigem braçadas e pernadas, possuem certa dificuldade, principalmente do lado esquerdo. Mesmo assim, realizam o nado crawl completo com boa mobilidade e conseguem deslocar por médias distâncias.

Aluno 20

A paralisia cerebral existente é de grau bem reduzido, apresentando comprometimento da mão e da perna direita. Um diferencial é o fato que ele participa de aulas de natação para crianças sem deficiências. A valorização da parte lúdica nas aulas é uma característica marcante, mas sem perder o objetivo principal. Na parte específica do desenvolvimento foi percebida uma melhora considerável de ambos os membros afetados. Em exercícios de coordenação motora grossa, como no deslocamento dentro da piscina realizando as braçadas e pernadas apoiado no espaguete, mas principalmente nas finas, como segurar objetos e colocá-los em locais determinados, a execução é muito boa. O aluno realiza o nado sem a técnica correta deslocando-se em distâncias médias sem qualquer auxílio, além de realizar boa imersão. Melhorou a coordenação motora nos atos de andar e correr. Ao observar o comportamento social, nota-se que sua timidez e qualquer dificuldade da fala foi superada, sendo assim um facilitador para a prescrição de atividades, uma vez que tem-se a sua opinião sobre as atividades propostas. Relaciona-se bem com os colegas e os professores, possui bastante disposição nas aulas (gosta muito de nadar) e o apoio da sua família é preponderante em seu desenvolvimento.

Aluno 21

Portador de paralisia cerebral com leve comprometimento das pernas e dos braços. Utilizando uma metodologia que procura mesclar os exercícios de objetivos específicos da natação com atividades lúdicas, são trabalhadas todas as partes do nado estilo crawl. No trabalho de força em membros superiores houve melhora somente do lado direito, já nos membros inferiores o ganho foi equivalente em ambos os lados. Nos exercícios de respiração e de deslocamento dentro da piscina tem bom desempenho, apesar do braço direito ter pouca mobilidade. Não realiza o nado com técnica perfeita, mesmo assim consegue deslocar-se em determinado espaço. Seu desenvolvimento é um pouco comprometido por causa de problemas com refluxo e crises de nervosismo. Interage bastante com os professores e demonstra boa melhora na fala.

Natação para Associados da APONE

As atividades aquáticas contribuem para a independência desses alunos no meio líquido, através de exercícios com flutuadores e ajuda dos professores, que progridem individualmente melhorando a convivência social e afetiva, assim como a coordenação motora. Aqueles que tiveram contato com o meio aquático anteriormente apresentam uma readaptação mais acelerada. A maior dificuldade se dá nas atividades de flutuação e propulsão devido aos diferentes comprometimentos físicos (amputação, AVC, paraplegia, doença de Wilson, LER/DORT). Por não possuírem comprometimento mental e serem adultos, apresentam boa assimilação das atividades, além de demonstrarem muita satisfação e motivação nas aulas que lhes propiciam experiências de aprendizagem centradas na participação ativa de exploração do meio.

A seleção dos alunos permitiu um trabalho inicial com sete indivíduos de características, progressões e dificuldades específicas:

Aluno 22

Paraplegia provocada por lesão na coluna lombar ainda quando criança. Apresenta curvatura cifótica acentuada, dificuldade em manter o equilíbrio em decúbito ventral e controle das pernas (alta flutuabilidade) em meio líquido, além de grande contratura nas pernas. Há dificuldade na imersão e na propulsão devido à baixa densidade óssea dos membros inferiores, havendo a necessidade do auxílio de um monitor. Como principais avanços, observamos a melhoria na postura e a diminuição da contratura das pernas.

Aluno 23

Fratura diafisária de tíbia direita e fratura de talus, que compromete a flexão plantar do pé direito. Dificuldades encontradas na propulsão devido à não flexão e extensão plantar, e na flutuação ocasionado pelo aumento da densidade na reconstituição tíbio-fibular distal. Como avanços podemos citar a melhoria na condição cardiorrespiratória e no controle corporal.

Aluno 24

Amputação de membro superior, dificuldade na manutenção do equilíbrio em decúbito ventral ou dorsal durante o nado e nos movimentos de braçada. A falta de um membro superior dificultou o equilíbrio durante os deslocamentos, afetando as fases de ambientação, imersão e propulsão. Os avanços se referem à melhoria do condicionamento físico e do ajuste corporal à braçada.

Aluno 25

Amputação de membro inferior, sente o membro amputado e tem dificuldade na propulsão por pernadas. Apresentou um pequeno comprometimento no equilíbrio (nas primeiras semanas) e na propulsão, pela ausência do membro inferior e pela dificuldade na percepção do movimento. Os avanços foram rápidos e dentro do esperado para o aprendizado da modalidade, independente da presença ou não da amputação.

Aluno 26

Comprometimento na articulação do ombro, do cotovelo e do punho, provocada por distúrbio osteomioligamentar ocasionado pelo trabalho (DORT), com atrofia dos flexores do carpo. Não realiza a circundução do ombro, comprometendo a realização das braçadas, e não apresenta o movimento de agarre com os dedos, nem flexão do punho. A temperatura da água influenciou no desenvolvimento do programa pois fortes dores eram relatadas após a aula devido à temperatura da mesma estar baixa (26-30°C demonstrou ser a faixa ideal).

Aluno 27

Portador da doença de Wilson, distúrbio primário do metabolismo do cobre que provoca distúrbios de movimento como distonia, tremor, rigidez, bradicinesia, coreia, atetose, ataxia e instabilidade postural. Apresenta dificuldade no equilíbrio e na habilidade motora, sendo a habilidade motora fina a mais comprometida, independente do meio físico. Tende a cair de costas na água e perder contato com o fundo da piscina. Encontra-se na fase de ambientação e início de flutuação devido ao comprometimento do equilíbrio e da coordenação. Ocorre uma maior tensão muscular quando a temperatura da água está mais baixa e uma melhora do controle do gesto motor foram observados.

Aluno 28

Há sequela de Acidente Vascular Cerebral, com atrofia de membro superior, mão posicionada em garra, parcial comprometimento de membro inferior e da fala. Apresenta dificuldade na flutuação, na flexão dos membros afetados e na realização da respiração, além de apresentar flexão do tronco e assimetria na linha dos ombros. Sente dificuldade no deslocamento, na imersão e na flutuação, que é ocasionada devido à limitação de movimentos provocada pelo AVC e poucos são os avanços observáveis, sendo identificados pela pequena melhoria na amplitude articular.

Atletismo para Deficientes Mentais

Foram observados 14 alunos (crianças e adolescentes) que, nas primeiras aulas, possuíam um grau significativo de dependência motora, a execução de atividades básicas era feita somente com auxílio dos monitores e isso influenciava na execução de habilidades motoras simples, como cruzar as pernas e fazer pequenos saltos. Com o decorrer das aulas, houve um desenvolvimento coordenativo importante em relação aos gestos motores básicos. A coordenação no andar, na corrida e nos saltitos (com uma ou duas pernas) melhorou devido ao aprimoramento da sincronização dos movimentos de braços e pernas, assim como o equilíbrio. Nesse momento, iniciou-se um trabalho específico dentro da modalidade, enfatizando a corrida e o salto em distância adaptado, onde foi observado um aumento de motivação entre os alunos e respostas diferentes, destacando aqueles que tiveram maior presença nas aulas e alcançaram uma maior capacidade motora e cognitiva. Posteriormente, a turma foi dividida em dois grupos, dando continuidade no trabalho para aqueles mais avançados no aspecto coordenativo e que executavam saltos na caixa de areia, porém não interferindo na progressão dos demais que aperfeiçoavam o ato de saltar e, assim, respeitando as diferentes capacidades de assimilação. Além da autoestima e da confiança, aumentou a comunicação, o laço de amizade entre todos os envolvidos, o interesse, o compromisso e a participação em relação às atividades propostas.

CONCLUSÃO

De acordo com os resultados obtidos neste estudo, nota-se que conviver com a diferença é descobrirmos o quanto somos semelhantes em essência e essa caminhada não é linear, muitas vezes damos três passos e voltamos um. Porém, ao recomeçarmos não somos mais os mesmos, porque evoluímos em crescimento humano, trazendo-nos de volta a nós mesmos. A vida social não é fixa, mas dinâmica e mutável. Portanto, se as vidas sociais das pessoas estão mudando constantemente, devemos nos tornar parte delas para entender como mudam; devemos participar delas e registrar as nossas experiências dessas transformações, os seus efeitos sobre as pessoas, assim como as suas interpretações. O conhecimento do mundo social vem da experiência e da realização de investigações detalhadas e meticulosas através das quais geramos os nossos entendimentos.

Os processos de aceitação pessoal e inclusão social dos portadores de necessidades especiais tornam-se visíveis e aplicáveis dentro da instituição esportiva, seja de caráter lúdico, educacional ou de rendimento. Por isso acredita-se que a legitimidade da prática da Educação Física Adaptada, através do esporte, dos jogos ou da atividade psicomotora aconteça por meio de uma prática consciente das necessidades e possibilidades de cada participante onde o corpo e o movimento façam sentido à vida de cada ser, na busca de uma significação maior que o simples aprendizado do movimento pelo movimento, com um fim mecanicista e sem vida.

O profissional de Educação Física deverá sempre proporcionar o máximo de autonomia para os alunos e não há melhor depoimento do que "eu consegui!", "eu consigo fazer sozinho!" e "eu posso, vocês duvidam?" (ROSADAS, 1989). Um aluno do Projeto Interagir chegou a manifestar, durante uma reunião, que as aulas de natação seriam a coisa mais importante da sua vida porque ele se sentia mais forte e mais capaz. Outros dizem que não sabem o que seriam de suas vidas sem as atividades do "Interagir".

Inicialmente, as dúvidas eram quais os impactos do "Projeto Interagir: Atividade Física Adaptada" na vida dos seus alunos. Após este estudo, foram identificadas diversas mudanças nos aspectos físico, cognitivo e social. As atividades do projeto foram consideradas fundamentais para o desenvolvimento dessas pessoas porque a prática contribui para que elas se tornem criativas, participativas e sujeitos críticos em suas vidas sociais. Acredita-se que os resultados são relevantes para uma melhoria na qualidade de vida e, especialmente, nas mudanças de comportamento e no processo de inclusão social do público atendido.

Além disso, acontece constantemente a troca de conhecimentos entre universidade e comunidade, demonstrando que trabalhar com o princípio inclusivo é aprender a todo o momento a dar e a receber. Dar não quer dizer despojar-se do que temos sobrando e sim oferecer o que temos de melhor. Essa troca de conhecimentos e experiências possibilita a formação de um profissional cidadão e a universidade se credencia cada vez mais junto à sociedade como um espaço privilegiado de produção do conhecimento significativo para a superação das desigualdades sociais existentes.

Entretanto, faz-se necessário novas pesquisas utilizando a mesma metodologia pois não existem dados disponíveis que caracterizem esse público, auxiliando nas adaptações e improvisações dos estudos existentes, e na geração de novos conhecimentos e atividades motoras direcionadas aos alunos com necessidades especiais.

REFERÊNCIAS

ADOLPH, K.E.; BERGER, S.A. Motor development. In: DAMON, W.; LERNER, R. (Series Ed.); KUHN, D.; SIEGLER, R.S. (v. ed.). **Handbook of child psychology**: cognition, perception, and language, Nova York, n. 6, v. 2, p. 161-213, 2006.

ASSOCIAÇÃO MÉDICA MUNDIAL. **Declaração de Helsinki**. Princípios éticos para pesquisa clínica envolvendo seres humanos. Aprovada na 18ª Assembleia Médica Mundial, Helsinki, Finlândia, Junho de 1964.

BERTOLDI, A.L.S. **A influência do uso de dicas de aprendizagem na percepção corporal de crianças portadoras de deficiência motora**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

CARMO, A.A. **Deficiência Física**: a sociedade brasileira cria, "recupera" e discrimina. Brasília: Secretaria dos Desportos/PR, 1991.

CARMO, A.A. Inclusão escolar e a educação física: que movimentos são estes?. **Integração**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial, ano 14, edição especial, 2002.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Presidência da República / Casa Civil, Brasília, Outubro de 1988.

COSTA, A.M.; SOUSA, S.B. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, 2004.

INTERDONATO, G.C.; GREGUOL, M. Qualidade de vida e prática habitual de atividade física em adolescentes com deficiência. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 282-295, 2011.

PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. **Fórum de Pró-Reitoria de Extensão das Universidades Públicas Braileiras**. Ilhéus: Editus, 2001.

RODRIGUES, D. A educação física perante a educação inclusiva: reflexões conceptuais e metodológicas. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 14, n. 1, p. 67-73, 2003.

ROSADAS, S.C. **Atividade física adaptada e jogos esportivos para o deficiente**: Eu posso, vocês duvidam. São Paulo: Atheneu, 1989**.**

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

[1] Universidade Federal de Viçosa - UFV.
[2] Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional - UFMG.

Rua João Fernandes de Oliveira, 150 - Bl. 6 - Ap. 202
Planalto
Belo Horizonte/MG
31730-620